

MAKUNAÍMA E A CRIANÇA DESAPARECIDA

Eliton Albino Queiroz

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Makunaíma se esgueira pelo mato virgem, mergulhando na treva rompida apenas pelo som das folhagens que abrem caminho, o vento uivante e o cochichar quase mudo dos animais que se abrigam da noite, longe dos seus espreitadores sinistros. Esforçando-se para acompanhar o ritmo do irmão, Ma'nápe seguia aos tropeços, ocasionalmente cortando o silêncio amargo a protestar: "o pai da lagartixa é perigoso! Se te pega, ele te engole inteiro, de uma vez só!". Makunaíma parecia não ligar. Lembrava da história contada pela mãe:

Era já tarde da noite e no mato comemorava-se o nascimento de uma criança muito esperada por todos, que caso viesse a nascer saudável, havia de se tornar o mais valente daquelas terras, trazendo fartura e prosperidade ao povo já desgastado pela luta diária. A festa arrastava-se madrugada adentro e a jovem permanecia deitada, esperando pela chegada do sono. Esperou, esperou e já com a cara amuada, levantou-se da rede que tecera com dificuldade, pois estava grávida. Ela então caminhou para longe da bulha dos risos e das músicas, pisando solitária pelo terreno irregular e úmido do mato fechado, chegando finalmente à beira de um rio. Lá, encontrou-se serena e se pôs a caminhar pela margem, seguindo o rumo da água para o sul. Tão desatenta, não notara a presença de Waimesá-pódole, o pai da lagartixa, que a observava a partir de uma pedra próxima. O pai da lagartixa estava faminto como de costume, e não tardou a se aproximar. Precedida de um grito, sua longa língua se esticou em direção à moça, tão rápida quanto uma flecha cortando o vento. A jovem cambaleou para trás e caiu no solo encharcado, sem acreditar que tinha conseguido mesmo se esquivar do ataque. Ela assimilou rapidamente o acontecido e se preparou para fugir dos ataques subsequentes, mas surpreendeu-se ao olhar na direção de Waimesá-pódole e vê-lo indo embora, arrastando a grande barriga mato adentro com um sorriso sonolento. A moça soltou um breve suspiro aliviado. Regozijava-se mentalmente pelo desfecho que tivera quando de súbito, olhou para baixo e sentiu o horror estremecer seu corpo ao

perceber que seu ventre estava vazio. Ela então chorou e chorou ao longo de semanas, lamentando a perda da criança e inundando toda a área ao seu redor com um rio de lágrimas. Depois do ocorrido, a mãe de Makunaíma nunca mais foi a mesma.

Makunaíma vinha apressado pelas árvores quando chegou, enfim, na clareira. Ouvindo um som distinto de água adiante, sinalizou ao irmão que parasse e falou: "É aqui. hoje esse danado recebe o que ele merece!". Ma'nápe assentiu com a cabeça, e ambos pularam para fora do mato, descendo um morrinho e chegando finalmente até a clareira enevoadada.

O ar era frio e no centro da clareira, próximo a um pequeno lago, a figura de Waimesá-pódole se destacava, bebendo água de forma vigorosa e desajeitada. Os dois se aproximaram, Ma'nápe ficando alguns passos atrás, por segurança. Makunaíma então exclamou, irritado: "Coisa feia, devolve a criança filha de minha mãe, que não é tua! Devolve agora, que não te corto a barriga!". Waimesá-pódole se virou, irritado pela interrupção, olhou para os irmãos com desprezo e retrucou: "Não devolvo! Não devolvo! Criança foi presente e de volta você não leva!". Makunaíma tensionou o seu arco e atirou uma flecha na direção do pai da lagartixa. Ele pulou, desviando da flecha e cobrindo uma parte da distância até os irmãos. Então, lançou a sua língua na direção de Makunaíma, que desviou, fazendo com que ela atingisse em cheio Ma'nápe. Antes de ser engolido, o feiticeiro jogou para o irmão Makunaíma uma grande semente roxa e redonda, gritando aos prantos: "Chama Jigué! Chama Jigué!".

Makunaíma pegou a semente rapidamente e, aos prantos, correu para longe. Escondido atrás de uma pedra convenientemente grande, ele cavou um buraco no chão, jogou a semente e cobriu com terra. A semente já começara a germinar quando Makunaíma correu de volta à criatura enfurecida no centro da clareira. Waimesá-pódole gritava em um cólera alucinado, rompendo o escuro da noite: "Não devolvo! Não devolvo!". O herói já vacilava, entre empreitadas fracassadas e esquivas arriscadas, quando finalmente desferiu um golpe com sucesso, penetrando a ponta de sua lança no braço de Waimesá-pódole. A criatura revidou, enrolando sua língua em Makunaíma e puxando-o para si. Nesse momento, Jigué saíra do

buraco onde fora plantada a semente, e com a fúria de um trovão, golpeou a cabeça de Waimesá-pódole com um porrete. O pai da lagartixa morreu.

Jigué e Makunaíma abriram a grande barriga de Waimesá-pódole. De dentro dela se foram vários animais, todos gratos aos irmãos pela liberdade. Então saiu uma senhora de cabelos grisalhos e cara de ranzinza. Disse seu nome: Yubaba, colocou uma moeda de ouro na palma da mão de Makunaíma como agradecimento e foi embora. Depois dela, saiu Baba Yaga, agradecendo com um sorriso amarelo, logo antes de partir em direção à noite. Mais uma dúzia de pessoas havia saído, todos muito gratos e sorridentes. A barriga de Waimesá-pódole agora já não era mais tão grande. Ma'nápe saiu por último, seguido por um médico-feiticeiro com quem conversava até então dentro da barriga do pai da lagartixa.

Os três irmãos, agora reunidos, sentaram-se ao redor do médico-feiticeiro como aconselhado por Ma'nápe. O velho disse: "A criança que vocês procuram: sim, eu a vi! Mas ela não está aqui, não. Waimesá-pódole deu ela pra Kapéi.". Os irmãos questionaram o velho a respeito do paradeiro de Kapéi e ele chamou seus ajudantes Aiúg para levá-los até lá.

Andaram apressados pelo escuro da noite e pelo mato fechado quando chegaram, ofegantes, a uma pequena estrada de terra que serpenteava morro acima, até se perder de vista. No topo do morro, havia uma casa de madeira sobre uma árvore que emitia uma forte luz cintilante por todas as portas, janelas e frestas. A luz dançava, passeando pelos cômodos da pequena casinha. O médico-feiticeiro falou em um tom cauteloso, quase trêmulo: "Aquela é a casa do Kapéi. Subam por esse caminho, mas não se demorem! No raiar do dia, Vei aparece e faz ele sumir.". Os irmãos assentiram e o velho despediu-se, agradecendo mais uma vez pela liberdade e sumindo no meio do mato, como se soubesse exatamente para onde ir.

Jigué, Ma'nápe e Makunaíma subiram pelo caminho que cintilava com um ar estranhamente etéreo. Makunaíma ia atrás, observando tudo ao redor. Andaram por algumas horas até chegarem ao jardim de Kapéi. Havia muitas estrelas, todas elas cintilando e emitindo um calor convidativo. Apesar dos conselhos dos irmãos, Makunaíma tentou pegar uma. A estrela era mais quente do que o esperado, e ele queimou a mão.

Os três se aproximaram da casa e escondidos atrás de uma nuvem-arbusto, observaram. Kapéi estava com as duas filhas na varanda. O corpo de cada um deles emitia um brilho reluzente que refletia nos móveis e nas plantas ornamentais, todos folheados de prata, em uma luminosidade e elegância enjoativas. Os três conversavam entre si, parando ocasionalmente para levar uma xícara de chá até a boca, e depois tornar à conversa ruidosa.

Makunaíma tinha um plano. Orientou aos irmãos: "Me esperem aqui. Eu entro, pego a criança e corremos de volta morro abaixo.". Ma'nápe protestou. Jigué parecia cansado demais para se importar. Makunaíma seguiu sozinho, esgueirou-se pelos fundos e entrou pela janela da sala de jantar. Passeava cauteloso pelos cômodos, levando consigo um ou outro objeto pequeno que julgava interessante. Subiu uma escadaria de madeira até o andar de cima, torcendo para que a bulha da conversa do lado de fora abafasse o ranger dos passos vagarosos. Vasculhou todos os cômodos igualmente repletos de decoração extravagante até chegar ao que aparentava ser o quarto de uma criança.

O herói então se aproximou da criança chorosa e ao ver sua semelhança com ele e os outros irmãos, não teve dúvidas: era a criança roubada. Makunaíma contou-lhe de sua história e o grau de parentesco entre eles. A criança estava - pela primeira vez em muito tempo, feliz. Concordou em voltar com o irmão para o mato virgem. Já atravessavam a porta quando deram de cara com uma das filhas de Kapéi. Quiseram correr, mas ela não parecia brava. A donzela alva, de roupas e cabelos esvoaçantes quase translúcidos fitou Makunaíma com um olhar indagador e perguntou: "Onde vais com a criança? Por acaso és algum serviçal?". Makunaíma e a criança se entreolharam, preocupados. A moça logo compreendeu a situação: "Esta criança fora roubada anos atrás por Waimesá-pódole, sob ordem de meu pai. Diante de tamanha maldade, meus protestos se fizeram inúteis. Se ainda é justo, depois de tanto tempo: leve-a embora, e eu não direi nada.". Tocado pela bondade da donzela, Makunaíma quis brincar. Ela deu-lhe um tapa que o levou ao chão, e ordenou que fossem embora. Assim o fizeram, esgueirando-se de volta aos outros dois que esperavam na nuvem-arbusto.

Não pararam para comemorar o sucesso do resgate e a reunião familiar. Precisavam correr morro abaixo o mais rápido possível, e a isso não tardaram. No

caminho, um pequeno pássaro que trabalhava para Kapéi avistou os quatro, e foi avisar o chefe o mais rápido que pôde. Quando Kapéi ficou sabendo, ficou tão enfurecido que se tornou totalmente vermelho.

Algumas vezes durante o ano, quando o assunto vem à tona na casa de Kapéi novamente, ele se torna vermelho mais uma vez. Alguns chamam o fenômeno de Lua de Sangue, mas na verdade, é só Kapéi enfurecido por ter perdido sua criança favorita.